



MAURÍCIO
WALDMAN

Usos e abusos do plástico

Não há quem ponha em dúvida a presença ostensiva do plástico na vida moderna. Sem meias palavras, estamos assistindo uma verdadeira invasão do material. Técnicos adotam os anos 1960 como início da avalanche plástica. Motivo: a presença de plásticos nas eras precedentes era ínfima.

O primeiro plástico da história foi o baquelite. Criado em 1909 pelo químico belga Baekeland - que, aliás, originou o nome do produto - o baquelite foi de pronto apadrinhado pela indústria do automóvel, eletrônicos e utensílios domésticos.

Mas nem de longe teve a difusão dos seus congêneres. A saber, a aparição da vasta tipologia plástica foi acompanhada de expansão implacável. Em 1960, o mundo produziu 6 milhões de toneladas, passando para 27 milhões em 1970, 53 milhões em 1980, 93 milhões em 1990 e 110 milhões em 1994. Em 2000, atingiu-se a cifra astronômica de 247 milhões de toneladas.

A título de comparação, durante o século 20 a produção de carvão multiplicou-se por seis e a do cobre 25 vezes. Porém, o volume dos plásticos cresceu 18 vezes em 34 anos. E ao longo de 40 anos, nada menos que 41 vezes!

A resistência à degradação oferecida pelo plástico, somada a rápida expansão, falta de critério no consumo e a persistência das sequelas próprias do material, agravaram-se devido à disfuncionalidade da logística de captação, reciclagem e/ou destinação correta do resíduo.

Disto resultou uma calamidade. Resíduos do material estão boiando em todas as águas do globo. Os oceanos, que na tendência de empurrar o lixo para longe se tornam ponto final da descarga dos rejeitos, estão entupidos por matéria plástica.

Documentos das Nações Unidas registram que 46 mil fragmentos plásticos bóiam em cada 2,5 km² da superfície dos oceanos. Isso significa que o plástico responde por 70% da poluição dos oceanos por lixo. Apenas os mares das regiões polares - meros 4% da área dos ocea-

nos - se mantêm ainda livres da poluição causada por estes restos.

Dado emitirem poluentes persistentes, os plásticos afetam os ciclos biológicos marinhos. Pior: as substâncias que liberam cedo ou tarde são ingeridas pelos humanos quando satisfazem sua fome por produtos oriundos do mar.

Quanto às cidades, nestas o plástico reina soberanamente. A onipresença deste material-símbolo da modernidade no pavimento urbano é manifesta. Afora a associação com distúrbios como as enchentes - tragédia cíclica à qual o plástico se incumba de personificar o papel de vilão - o exibicionismo do material na paisagem urbana é cabal.

A versão plástica mais alegórica, a garrafa plástica PET, parece brotar de todos os lados; sacolas plásticas são flagradas entupindo sarjetas, bueiros e containeres de coleta; tiras do material esvoaçam em meio ao deslocamento dos veículos; inexistente via pública que deixe de exibir ao menos um fragmento deste material.

Todavia, o que foi dito é merecedor de reparos. Afinal, nem mesmo medidas mitigadoras são aplicadas.

A recuperação da sucata plástica segue uma promessa. Leis restringindo a descartabilidade engatinham ou quando existem são ignoradas. A educação ambiental se mantém centrada em imagens naturais, ignorando o real espaço de vida das pessoas. Mesmo a prosaica coleta de lixo não é universal e quando ocorre, apresenta notórias deficiências.

Daí que é premente transformar círculos viciosos em círculos virtuosos. Reclamando é claro práticas reais: mais reciclagem, mais educação ambiental, mais excelência na gestão do lixo.

Certo é que o plástico tem uma função a cumprir no mundo moderno, o mesmo que o tornou uma ameaça. Restringir abusos e repensar usos torna-se, portanto urgente e essencial.

EDITORA KOTEV

Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados

pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

[https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%](https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1)

[ADcio+waldman%22&pageNumber=1](https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1)

